

**CRENÇAS DE ALUNOS INICIANTES E CONCLUINTE DO  
CURSO DE LETRAS SOBRE LÍNGUA PORTUGUESA<sup>1</sup>:  
CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO ENSINO APRENDIZAGEM E DA LÍNGUA**

Hélvio Frank de OLIVEIRA (UFG/UEG)<sup>2</sup>  
Sirlene Antônia Rodrigues COSTA (UEG)<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este estudo de caso apresenta resultados de uma pesquisa realizada com acadêmicos iniciantes e concluintes do curso de Letras, cujo propósito consistiu em identificar as crenças desses universitários com relação ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e com relação ao próprio idioma. E, a partir disso, analisar as implicações de tais crenças naquele processo de formação acadêmica e, por consequência, possivelmente, nas suas futuras atuações enquanto professores da disciplina. Os participantes da pesquisa, trinta alunos do primeiro ano e trinta alunos do quarto ano do Curso, responderam a questionários abertos e fechados, e os resultados indicaram que, apesar do grau de formação acadêmica, há ainda muitas convergências e divergências no que se referem a aspectos formais e funcionais da língua, caracterizados por meio de diferentes abordagens de aprender-ensinar língua dos participantes.

**ABSTRACT:** This case study presents results of a research carried out with beginning and concluding students from Letras Course. Its objective was to identify these participants' beliefs related to Portuguese language teaching and learning and related to idiom by itself. And, after that, to analyze the implications of these beliefs to that context of teacher education. The participants were thirty students from first year and thirty students from fourth year of the graduation, and they answered questionnaires with closed and opened questions. The results show that, despite of level of students, there are a lot of convergences and divergences in relation to formal and functional aspects of Portuguese language, which are characterized through different approaches to learn and teach the idiom by the students.

## **1 Introdução**

Neste texto, pretendemos mapear as crenças relacionadas ao ensino-aprendizagem de LP e ao próprio idioma de acadêmicos iniciantes e concluintes do Curso de Letras. A partir disso, suscitar reflexões sobre as implicações de tais crenças no processo de formação acadêmica e, por consequência, possivelmente, para as suas futuras atuações enquanto professores da disciplina.

Analisar tais representações, sobre o que pensam os alunos que adentram um Curso de Letras em relação a “aprender” LP como LM para “ensinar” tal idioma, nos permite refletir sobre motivações, interesses e conscientização do papel que a língua exerce em escalas social e cultural (BORTONI-RICARDO, 2004). Além disso, conhecê-las é uma forma de dialogar sobre expectativas, anseios, (des)motivações, objetivos para com o cumprimento curricular da disciplina durante o Curso, enfim, torna-se uma forma de autoavaliação docente e discente.

Para isso, partimos dos pressupostos teóricos bakhtinianos que evidenciam a concepção social, histórica e ideológica da linguagem, em que o sujeito se constitui ouvindo e assimilando as palavras e o

---

<sup>1</sup> Este estudo utiliza os conceitos de língua portuguesa (doravante LP) como língua materna (LM), intercambiáveis, tendo em vista que se trata de um contexto em que alunos brasileiros de Letras estudam o português na Universidade. Entendemos LM como sendo a primeira língua aprendida por um indivíduo (DEL RÉ, 2006).

<sup>2</sup> Aluno de doutorado e Professor/Coordenador de Estágio Supervisionado de Letras. Contato: [helviofrank@hotmail.com](mailto:helviofrank@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestre e Professora de Linguística e Língua Portuguesa. Contato: [sirleneletras@bol.com.br](mailto:sirleneletras@bol.com.br)

discurso do/s outro/s (BAKHTIN, 2004). E, também, da visão sociocultural da aprendizagem, a partir da qual o homem constrói o conhecimento por meio da interação com o/s outro/s. Tais referenciais convergem-se no sentido de estabelecer o homem como ser social, histórico, e a linguagem, formadora do pensamento.

Ainda, temos como ponto de discussão as próprias crenças de ensino aprendizagem de línguas. Mesmo que se trate de um campo “fértil”, na área de Linguística Aplicada, conforme Silva (2010), o estudo sobre crenças apresenta pouco espaço na área de LP/LM. E, devido aos estudos identificadores de crenças merecerem destaque por apresentar um excelente panorama de reflexões e propiciar o diálogo individual ou colaborativo entre o/s envolvido/s, principalmente no que se refere à teoria e prática do ensino, este estudo pode ser um caminho incipiente na direção de perceber as crenças movimentando-se em sala de aula.

Não queremos dizer, com isso, que as crenças configuram elementos negativos. Na verdade, as crenças apresentam infinitos aspectos, os quais podem ser benéficos ou não à aprendizagem, dependendo apenas da reflexão sobre e da condução da ação de ensinar/aprender a partir delas. Por isso, torna-se pertinente o professor investigar crenças, especialmente, no contexto de suas ações (BARCELOS, 2006), tendo em vista que elas se tratam de construções da realidade, configuradas por modos de ver, perceber e representar o mundo e seus fenômenos, orientados por experiências vivenciadas (ou não) e outras relações provenientes da interação social e cultural (ou não).

A seguir, apresentamos uma breve discussão sobre o ensino/aprendizagem de LP/LM na universidade, acompanhada de uma resenha sobre o construto crenças, com mapeamentos de alguns estudos envolvendo a temática direcionada ao português. Logo após, discorreremos sobre a metodologia adotada neste trabalho, discutimos os dados por ele evidenciados e, por fim, refletimos brevemente sobre as constatações.

## **2 Língua Portuguesa como língua materna: ensino e formação**

Como produto essencialmente social e político, a natureza heterogênea e multifacetada da língua produz atitudes que não são neutras na prática social humana, seja ela discursiva ou performativa (BAKHTIN, 2004). A língua, de fato, transcende sua característica imanente de instrumento de comunicação e se associa a fatores políticos, ideológicos, econômicos, culturais, entre outros. Alheia à essa noção, temos, ainda, o fato de que o futuro professor de línguas, enquanto indivíduo sociocultural, carrega consigo crenças sobre o que seja língua(gem), para, a partir disso, desenvolver sua própria abordagem de ensino.

No contexto universitário, em que há existência de diversas opiniões a respeito da LP, são comuns manifestações discursivas a respeito do saber (meta)linguístico, do preconceito e da tolerância linguística. Esses e outros aspectos sinalizados por Bagno (2002) circulam e se movimentam em sala de aula durante as construções de conhecimento, as análises linguísticas efetivadas, os atos comunicativos dos agentes propriamente ditos, os discursos que estabelecem a formação. Por isso, a importância de refletir sobre os conceitos relacionados ao idioma e às concepções do ensino aprendizagem da LM, a fim de constatar se as discussões teóricas, desenvolvidas ao longo do curso, resultaram em posicionamentos convergentes a tais concepções.

Está claro que ensinar e aprender uma língua vai além da perspectiva reducionista do estudo da palavra, das frases e das regras gramaticais de forma descontextualizada. Esse fato é tão relevante que, hoje, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) preconizam um ensino de português previsto por habilidades e competências de dimensões social e cultural (BRASIL, 2000). Grosso modo, ressaltam, como princípio, o fato de que a língua se desenvolve a partir de suas características contextuais, funcionais e pragmáticas, vinculadas ao uso social que cada agente locutor atinge em interação com seu interlocutor, e vice-versa.

Para Bakhtin (2004, p. 98), “na prática viva da língua, a consciência lingüística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto de contextos possíveis de uso de cada forma”. Ou seja, a noção defendida aqui segue orientações dos conceitos funcionais de que o sistema linguístico se constitui nas situações de uso dessa língua. Portanto, ensinar e aprender uma língua estão diretamente relacionados com as ampliações das habilidades de uso desse sistema linguístico.

Ensinar e aprender a LP significa exatamente possibilitar uma ampliação das habilidades linguísticas de uma língua que o falante já utiliza desde os primeiros meses de vida, entendendo que LM se refere, sobretudo, aos conhecimentos linguísticos adquiridos de forma empírica, configurados nas atividades cotidianas de ouvir e falar, inicialmente, e de ler e escrever, posteriormente (MARCUSCHI, 2001).

Neste artigo, cabe mencionar, a preocupação com relação às crenças apresentadas pelos acadêmicos é refletida sobre dois pontos de vista: enquanto aprendizes de um sistema linguístico, os quais já o dominariam de forma “competente”; e, também, enquanto profissionais em processo de formação. Tais configurações se justificam pelo fato de que determinadas concepções podem influenciar as práticas dos participantes enquanto ensinantes desse mesmo sistema linguístico a outros usuários também “competentes”, conforme sugere Geraldi (2003).

### **3 Crenças sobre ensino aprendizagem de Língua Portuguesa – língua materna**

É possível perceber que crenças estejam imbricadas nas relações provenientes (ou não) das experiências de ensino aprendizagem e, por essa razão, investigá-las, conforme preconizam estudos recentes desenvolvidos na área (SILVA, 2010), também faz parte deste trabalho. Refletir sobre crenças pode configurar-se como uma condição plena para o desenvolvimento do próprio agente do processo. Assim, ele reflete sobre a sua ação no processo e permite a si próprio criar, de forma autônoma, estratégias para cobrir lacunas que merecem ser preenchidas em relação aos fatores que influenciam (in)diretamente suas práticas, bem como percebe a importância do diálogo, contendo as expectativas e anseios das partes interessadas na tarefa de ensinar-aprender.

Do ponto de vista sociocultural, as crenças movimentam-se e modificam-se conforme as práticas sociais e discursivas vão sendo reconstruídas por meio das experiências e vivências culturais de determinado/s indivíduo/s e/ou grupo/s inserido/s em diversos contextos. Nas palavras de Barcelos (2006), as

crenças também são sociais, porque nascem de experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e da nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca.

Sob o viés discursivo bakhtiniano, por sua vez, as crenças podem ser polifônicas e dialógicas, conforme ressalta Dufva (2003, p. 137), tendo em vista que “refletem uma visão pessoal” sobre o objeto em questão e “ecoam aspectos presentes nos discursos prevalentes na sociedade”. E acrescentamos que elas, de maneira estritamente relativa, podem ser ideológicas, influenciando e sendo influenciadas por manifestações e práticas discursivas de outrem, sem a necessidade de o indivíduo ter, de fato, passado por determinada experiência vicária para legitimar e moldar tal fato, tal circunstância. Em alguns casos, ele pode reproduzir performativo e/ou discursivamente algo que não foi por ele vivenciado.

Barcelos (2006) ainda pontua que as crenças e experiências manifestadas pelos alunos em sala de aula têm a ver com seus hábitos e valores familiares, escolarização e papéis culturais reservados a eles e aos professores naquela sociedade. Inclusive, a autora adianta que as crenças têm um impacto nas ações, e as ações, por sua vez, afetam as crenças. Não é uma relação de causa e efeito, e, sim, uma relação em que a compreensão dos limites contextuais ajuda nesse entendimento.

Também, a importância de se estudar e investigar crenças, inclusive e especialmente em LP, que é uma recomendação de Barcelos (2006), reside no fato de que elas podem exercer grande influência no ensino aprendizagem. Positivas ou negativas, elas podem ajudar ou prejudicar o aluno no processo. Podem, ainda, conceder ao aluno e ao professor coragem, para que ele enfrente o que não conhece ou o impede de fazer algo ou, ainda, para que ele se adapte a determinadas circunstâncias.

#### **4 Metodologia**

Esta investigação é pautada pelo paradigma qualitativo e configurada pelo estudo de caso, com base em Nunan (1992). Esse autor pondera que para os dados qualitativos previstos nesse método de pesquisa é facultada a utilização de dados numéricos, no sentido de contribuir para a compreensão do leitor.

A pesquisa empírica foi feita com alunos do Curso de Letras (Português/Inglês) de uma universidade pública do Estado de Goiás e envolveu 30 participantes iniciantes no 1º ano do Curso, e outros 30 participantes, concluintes dessa licenciatura. Todos tiveram sua identidade preservada com o uso de pseudônimos.

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados questionários com questões abertas e fechadas que, após a análise e triangulação de dados, pela incidência de relatos semelhantes, àquelas, foi possível a formulação de dados estatísticos para alguns indícios de crenças imbuídos no discurso dos participantes. Aos acadêmicos do 1º ano, foi aplicado um questionário contendo sete questões que, por motivos didáticos, neste trabalho, será referido como *QA*. Por sua vez, o *QB*, remetendo às seis questões endereçadas aos participantes do 4º ano. Adicionamos ao *QA* uma questão a mais, com o intuito de descobrir quais seriam as expectativas dos acadêmicos do 1º ano ao se ingressarem no Curso.

## 5 Análise dos dados

A primeira pergunta do *QA* consistiu em descobrir as expectativas dos alunos ingressantes no Curso de Letras sobre o estudo da LM na Universidade. De acordo com os relatos, suas principais expectativas giraram em torno de um ensino moldado por aspectos tradicionais previstos por uma abordagem gramatical e normativa da língua. Nesse sentido, os acadêmicos respondentes mencionaram que o Curso de Letras os ensinará a falar melhor, a escrever corretamente, a corrigir o que está errado em relação ao idioma. Talvez, por esse motivo, não houve relatos com manifestações de alunos garantindo que possuem aprendizagem satisfatória da LM ao adentrarem ao Curso. O quadro 1 mostra, por número de menções, as expectativas que se tornaram mais evidentes a partir do questionamento posto para os alunos iniciantes do Curso.

**Quadro 1 – Quais são as suas expectativas com relação a estudar língua portuguesa no Curso de Letras?**

Indícios de crenças	Quantidade de menções
Aprender corretamente a usar o idioma (falar e escrever)	20
Aprender sobre o idioma (aspectos metalingüísticos)	9

É possível perceber que os dois indícios estão calcados nos anseios relacionados ao ensino-aprendizagem nas perspectivas da gramática normativa da língua. Os alunos do 1º ano acreditam que, ao adentrarem a faculdade, aprenderão a língua que ainda não sabem, tanto na modalidade falada quanto na escrita. Nos excertos a seguir, essa caracterização da não aprendizagem do português ao longo das experiências escolares e, ao mesmo tempo, a esperança em aprendê-lo, agora na graduação, segue imbuída de palavras contextualizando a modalidade culta da LP. Assim, é possível deduzir, por meio dos relatos a seguir, que os participantes carregam resquícios de que seu português não é o correto e, por isso, necessitam de aprimoramento. Nesse sentido, sua expectativa é a de que o Curso os ajudará a prover as deficiências nesses aspectos.

[1] Espero ter o máximo de aprendizado, poder **usar de maneira certa a fala e a escrita** da língua portuguesa. (Rocha, 18 anos – 1º ano, grifo nosso)

[2] [...] aprender **mais** sobre a nossa língua materna, aprender a **escrever corretamente, mesmo que seja difícil**. (Mandy, 17 anos – 1º ano, grifo nosso)

[3] Aperfeiçoamento na língua portuguesa, **correção no que se está errado** [...]. (Joana, 17 anos – 1º ano, grifo nosso)

[4] Espero **falar e escrever bem**, conhecer **regras** novas [...]. (Fausto, 17 anos – 1º ano, grifo nosso)

Observamos, também, que parte da insuficiência do ensino anterior pode ser inferida a partir de alguns termos mencionados nos relatos colhidos: “aprofundar”, “aprender mais”. E, ainda, parte da referida “deficiência”, em relação ao que a maioria dos participantes julga como “certo” da LP, se deve ao fato de ser,

conforme os relatos a seguir, uma *língua difícil*, cuja *má formação profissional do professor*, especialmente, o da rede pública, corrobora para o agravante quadro.

[5] [...] Ter um **aprofundamento** do que aprendemos no ensino fundamental e ensino médio, que foi fraco. (Luluzinha – 1º ano, grifo nosso)

[6] **Aprender mais** sobre a língua que falo, esclarecer muitas dúvidas e expandir meus conhecimentos. (Suiane – 1º ano, grifo nosso)

[7] Que me traga **mais conhecimentos** sobre a língua portuguesa [...] (Loirinha, 16 anos – 1º ano, grifo nosso)

Em relação ao ensino anterior “fraco”, “insuficiente”, foi possível apurar, nos questionários dos alunos iniciantes, 11 menções ao ensino público deficiente. Especialmente, no relato de São Tomé que confidencia sua desilusão ao se ingressar no Curso e descobrir, por meio de seus educadores, que a LP não será estudada em seus pormenores, fato que ele qualifica como forma superficial de ensino, tendo em vista que seus conhecimentos anteriores se aproximam dessas configurações. Para o participante, o despreparo dos professores da rede pública, de modo geral, está vinculado a essa não propiciação de bons resultados, no caso, por parte do Curso de Letras, ao futuro profissional docente, no que tange ao bom ensino gramático-normativo do idioma.

[8] As minhas expectativas eram conhecer a língua portuguesa nos seus pormenores, mas a mensagem dos educadores é que veremos a língua portuguesa, de certa forma, superficial. Uma pena, pois esperava mais do Curso de Letras. Estou vendo de onde vem o despreparo dos professores da rede pública. (São Tomé – 1º ano)

A partir de agora, as perguntas de 2 a 7 do *QA* e de 1 a 6 do *QB* serão discutidas, considerando-se os focos de análise que pretendemos confrontar entre as duas diferentes turmas/níveis. Desse modo, buscamos, com a interrogação, descobrir, na concepção dos participantes do 1º ano, se eles acreditavam “saber” LP e, ao mesmo tempo, o que seria esse “saber” a língua. Curiosamente, o quadro, a seguir, nos mostra que, do ponto de vista formalista, todos os alunos “não sabem” a língua, tendo em vista que sabê-la, para eles, requer o domínio das regras gramaticais na perspectiva formalista. Do ponto de vista funcional, por outro lado, a crença de não saber a língua é menos radical e as estatísticas reduzem um pouco esse aspecto.

Quadro 2 – Você sabe Língua Portuguesa?

Quantidade De alunos	Não respondentes/ Indefinições	Ponto de vista mencionado			
		Formalista		Funcionalista	
		Sim	Não	Sim	Não
1º ano	4	-	15	11	-
4º ano	3	-	10	17	-

Esses dois enfoques – formal e funcional, ao longo dos relatos, se estabelecem como critério para o aluno do 1º ano dizer se sabe ou não a língua. Para ilustrar o quadro anterior, respectivamente, o discurso do próximo excerto prevê uma abordagem formalista seguida da evidência de uma abordagem funcional, e, por fim, um exemplo, em que o participante se posiciona perante as duas abordagens.

[9] Com certeza, não [...] saber língua portuguesa, para mim, é alguém que tenha um conhecimento amplo de normas gramaticais, saiba escrever e falar na norma culta. (Pink, 17 anos – 1º ano)

[10] Sim, porque é o idioma que eu falo. Saber língua portuguesa é saber falar, ouvir e entender o português. (Katrin, 19 anos – 1º ano)

[11] Sei o suficiente para manter um diálogo. Porém, quanto à elaboração de texto, tenho enorme dificuldade na construção do mesmo. (MJC, 32 anos – 1º ano)

Por outro lado, no que se refere aos alunos do 4º ano, essa questão, a primeira proposta no *QB*, indicou um número menor de alunos que consideram não saber a LP. É possível perceber que, em se comparando as duas séries, há certa mudança no que diz respeito à concepção que o graduando vai adquirindo ao longo do Curso sobre o que seja língua. Percebemos que, para os alunos concluintes, o tempo na graduação lhes permitiu observar essa questão sobre o ângulo funcionalista. Dessa forma, a maioria acredita que sabe a língua, tendo em vista que esse saber consiste em apenas comunicar-se. Os que evidenciaram não saber, o fazem numa perspectiva formal, centrada na gramática normativa.

[12] Considero que sei sim. Para mim, “saber” língua portuguesa é saber comunicar-se [...] (Hortência, 19 anos – 4º ano)

[13] Pode-se dizer que não, porque “saber” língua portuguesa é estar apto a todas as regras gramaticais e suas contradições. (Joaninha, 28 anos – 4º ano)

A pergunta seguinte buscou saber o porquê de a LP ser ensinada para seus falantes nativos. A maior incidência de respostas fornecidas pelo 1º ano a esse questionamento permite desvelar como esses acreditam que, enquanto nativos, punem a si próprios por falar errado. Nesse sentido, em suas concepções, o ensino de português para brasileiros se justifica pelo aprimoramento e domínio da língua padrão.

[14] Porque não quer dizer que a língua é nativa que conseguimos dominá-la, então é preciso ensinar a língua portuguesa para que todos tem um conhecimento da língua para ser utilizada em qualquer momento, lugar e circunstância, por dominar a língua que se fala no país é importantíssimo. (Flor Morena, 17 anos – 1º ano)

É possível inferir que Flor Morena se baseia na norma para asseverar o domínio necessário que um falante brasileiro deve ter em relação ao português. A participante acredita que todo falante deve passar pelo refinamento gramatical na escola em que estuda o idioma. Efetivamente, a noção de “língua correta” foi configurada em 18 respostas dadas pelos ingressantes. Paula, por exemplo, acredita no estudo da língua como forma de lhe garantir melhor comunicação, a qual seria efetivada a partir dos propósitos normativos.

[15] Para que possam melhor comunicar, usar dentro das regras gramaticais. (Paula – 1º ano)

Maria Flor, por sua vez, deixa transparecer em seu discurso um estereótipo brasileiro ao relatar que a maioria dos brasileiros fala errado. Inclusive, para ela, quando o indivíduo fala errado, ele é ridicularizado por seus pares.

[16] Porque a grande maioria dos brasileiros pronuncia e escreve errado. (Maria Flor, – 1º ano)

Para Dark e Fátima, a importância de se ensinar língua, principalmente suas características gramaticais, está aliada ao dever e à necessidade de conhecer e comunicar-se corretamente no idioma. Já, para Sem Nome, é importante o ensino de LP para a compreensão de sua história, origem e evolução ao longo das décadas, configurando uma abordagem diacrônica do idioma.

[17] Para que entenda o que é a língua, de onde ela veio e como ela é. (Sem Nome, 24 anos – 1º ano)

Sabrina, por exemplo, ao descrever sobre a razão de estudar LP, expressa uma crença sobre o idioma: língua complexa. Trata-se de uma crença bastante comum, inclusive, em se tratando de outras línguas (BARCELOS, 2006).

[18] Porque a língua portuguesa é muito complexa e nós (falantes nativos) a sabemos na prática (falar), mas temos muitas dificuldades na teoria (escrever) e em compreender seus significados. (Sabrina, 31 anos – 1º ano)

Alguns respondentes do 4º ano, por sua vez, embora ainda apresentam resquícios da abordagem tradicional de ensino, o tempo na graduação os permitiu evidenciar outras experiências e a movimentar tais crenças. Em sua maioria, acreditam na importância de aprender a estrutura da língua após a etapa de aquisição da linguagem na infância. Além disso, conseguem inferir a diferença entre a modalidade falada e escrita da língua, bem como a importância da adequação ao contexto.

[19] Porque a língua portuguesa falada é diferente da língua portuguesa escrita [...] (Natália, 4º ano)

[20] Partindo do princípio de que a linguagem nos permite atuar sobre o mundo, o seu estudo virá para sanar e aperfeiçoar a nossa capacidade de interpretação da realidade e interagir com o mundo que nos rodeia. (Macunaíma – 4º ano)

[21] Apesar de se falar a língua portuguesa, a maioria desconhece suas normas, uma vez que essas são de extrema importância, pois, ao escrevermos, ou até mesmo falarmos em determinadas situações e ocasiões, temos que estar cientes ao usarmos a língua portuguesa. (Maria Eduarda, 20 anos – 4º ano)

A pergunta subsequente procurou saber dos participantes iniciantes qual seria o papel do Curso de Letras para sua competência discursiva no idioma, isto é, para seu pleno desenvolvimento na condição de falante natural da língua perante as práticas discursivas sociais. As respostas demonstraram e evidenciaram um espaço universitário de aprimoramento de competências, de ensino de habilidades no idioma, onde seria adquirida a forma correta de usar a língua. Para os poucos respondentes da questão, o curso seria responsável

por cobrar excelência e instaurar no aluno iniciante a técnica da língua para sua futura profissão docente. Ao mesmo tempo, tais aspectos visualizaram uma postura passiva diante dessa aprendizagem.

[22] O curso de Letras vai preencher as lacunas deixadas pelo ensino médio e aprimorar as normas técnicas da língua padrão e preparar os acadêmicos do curso para estarem aptos a exercer o papel de educador, um dos objetivos do Curso de Letras. (Diana – 1º ano)

[23] [...] é responsável para cobrar, ensinar, aprofundar, adotando metas que facilitem e esclareçam o conteúdo. (Acadêmica, 44 anos – 1º ano)

[24] O curso de Letras tem um papel fundamental no meu aprendizado de língua portuguesa, pois é a partir dele que conseguirei construir de forma mais concreta o meu conhecimento e conseguir repassar com maior segurança tudo o que aprendi e poder falar de maneira mais correta. (Naty – 1º ano)

Como vimos, esses participantes estabelecem a questão do ensino de maneira a formar-se tecnicamente como profissional da língua. Nesse sentido, o Curso será o responsável por efetivar a construção do conhecimento na língua e a melhor forma para ensiná-la. E se elencam, de forma similar, às considerações do próximo questionamento, conforme veremos mais adiante.

De outro lado, para os alunos do 4º ano, foi muito recorrente a noção de, por meio do Curso, ser evidenciada a possibilidade de variação lingüística, em se tratando do ensino de LP. Os alunos foram unânimes em avaliar que o papel do curso de Letras, para eles, foi difundir, sem privilegiar, cada um dos focos existentes em relação ao idioma: a escrita e a fala, o formal e o informal, o específico e o genérico. Inclusive, a abordagem de ensinar a gramática sem preconceito aos falantes. Dessa forma, alguns garantem que esses momentos na graduação os propiciaram, inclusive, a refletir criticamente sobre o ensino de LP vivenciado anteriormente, quando do segundo grau.

[25] O papel do curso de Letras é abrir a mente dos alunos para as possibilidades de a língua variar, além de apresentar noções de gramática discutidas com teorias da Linguística. (Lelê, – 4º ano)

[26] Possibilitar a nós, letrandos, uma compreensão melhor da fala e da escrita [...] para tornarmos profissionais com uma visão talvez mais crítica em relação aquilo que se estuda no segundo grau. (Fada, 21 anos – 4º ano)

Também, por outro lado, é curioso perceber que o ensino de LP, para uma aluna, em especial, esteve atrelado à fundamental importância particular de melhorar-se enquanto pessoa, partindo da hipótese indissociável entre língua e pensamento, previstas em Sapir (1949).

[27] Indispensável no meu caso. Considero que não sou tão competente em questão de língua portuguesa como deveria ser como estudante de Letras, mas já melhorei significativamente desde que comecei meus estudos aqui. (Hortência, – 4º ano)

Outro questionamento diferiu do anterior pelo foco abordado. Dessa vez, quisemos saber dos participantes iniciantes qual seria o papel do Curso de Letras para sua *formação como professor da disciplina*. Entre as funções estabelecidas, estão:

a) a competência e a eficiência no uso da língua, relacionadas ao mercado de trabalho:

[28] [...] Dar um formação ao aluno adequada e suficiente para que ele seja um professor. Depende muito, com certeza, do esforço do aluno e interesse da faculdade para que ele se torne um professor, pois um professor precisa ter no cognitivo muito para passar o Curso de Letras [...]. (Val – 1º ano)

b) ao domínio normativo da LP para a transmissão de saberes e para passar em concursos:

[29] O papel de ensinar a língua corretamente para que passemos para os nossos futuros alunos com o objetivo de que eles aprendam **realmente** a língua portuguesa. (Wilma – 1º ano, grifo nosso)

[30] Letras dá uma estrutura maior para um professor saber administrar uma aula com uma **forma mais culta** de falar com os alunos, ensinando o português correto. (Sílvia – 1º ano, grifo nosso)

[31] O Curso me possibilita aprender a como transmitir esse aprendizado de língua portuguesa aos meus alunos ou futuros professores. E mesmo que não parta para a sala de aula, com certeza, a utilizarei positivamente na realização de concursos públicos, mesmo em outras áreas. (Pérola – 1º ano, grifo nosso)

Já, para os alunos do 4º ano, o papel do curso na formação deixa um estampado desafio a ser seguido futuramente: ensinar a dinamização que possui a LP como elemento de comunicação vivo, sem se desprender do que também aprendera no Curso: a gramática. Nesse sentido, os alunos do 4º ano alegam a preocupação de se posicionar como sendo os profissionais mais importantes para a formação do ser humano, se comparados aos profissionais de outras disciplinas e, também, a ensinar uma língua supostamente difícil.

[32] [...] No Curso, pudemos aprender várias de ensinar e aplicar a língua portuguesa, uma vez que aprendemos a enxerga-la de diversas formas. Portanto, ao nos tornarmos professores, teremos a consciência da dificuldade e amplitude dessa língua complexa. (Denise, 20 anos – 4º ano)

A pergunta 6 do *QA* e pergunta 5 do *QB* compreendeu a representação do idioma português em contexto de LM. Sendo assim, tanto os participantes do 1º ano quanto os alunos do 4º ano relataram sobre o elo existente entre língua e cultura, as quais propiciam, em suas maneiras de descrever, o meio para que um indivíduo “qualquer” se torne um “cidadão”. Tais aspectos confirmam hipóteses já apontadas por diversos autores (SAPIR, 1949), confirmando, mais uma vez, esse caráter indissociável e relativista entre língua cultura e língua pensamento.

[33] [...] Representa **minha cultura, vida**, minha grande capacidade de aprendizado e também uma das mais belas línguas/idiomas mundial. (Rocha, 18 anos – 1º ano, grifo nosso)

[34] É importantíssima pois é a **minha língua**, é a língua em que irei **comunicar** com outros indivíduos, **me expressar e me tornar gente** [...]. (Gê – 1º ano, grifo nosso)

[35] Representa **minhas origens, minhas histórias, minhas idéias e opiniões**, e muita coisa que ainda não sei. (Gatinha manhosa, 19 anos – 1º ano, grifo nosso)

[36] Digo que me **representa como mãe**. Dependemos dela para tudo: no escrever, no falar e às vezes **influencia no pensar**. (Luluzinha – 1º ano, grifo nosso)

[37] **Representa identidade, a característica de quem sou** [...].(Perla – 4º ano, grifo nosso)

[38] Representa **minha cultura**. Quando falo, todos os que estão a minha volta sabe de que região eu sou. Representa a **minha personalidade**. Quando falo, logo alguém percebe **meus princípios, ideais**. (Maria Eduarda, 20 anos – 4º ano)

Houve semelhança na representação do idioma em 48 relatos desses participantes. E, efetivamente, parece consensual a concepção do idioma como sendo pertencente à cultura e, logo, à identidade de quem o fala. Por essa razão, a de a língua representar a cultura, o pensamento, a identidade, e outros domínios particulares de cada indivíduo, é que necessitamos aproximar um ensino aprendizagem com qualidades e abordagens que valorizem tais características trazidas pelos alunos para a sala de aula. Fazendo isso, no mínimo, estaremos considerando a cultura de nosso aluno que merece respeito e valorização.

Como já visualizamos anteriormente, também pareceu acentuada a caracterização da LP como sendo uma língua difícil, complexa e cheia de regras. Até mesmo porque a maioria dos respondentes parte do princípio da gramática normativa para descrever sobre o que pensam da língua – dominá-la –, conforme pudemos ver em alguns relatos apresentados nesse próximo excerto.

[39] [...] Ensinar língua portuguesa é uma tarefa difícil pois a língua é um instrumento de comunicação que se aprimora a cada dia. Aprender língua portuguesa acaba sendo um desafio às vezes complexo. (Acadêmica, 44 anos – 1º ano Questão 7)

A pergunta 7 do QA e 6 do QB indagava aos alunos sobre o que seria ensinar/aprender LP. Foi possível observar que alguns alunos participantes do 1º ano destacaram que se trata de um processo amplo, envolvendo professor e aluno, conforme o próximo excerto. Todavia, é importante ressaltar que existem muitas inferências nos relatos indicando, no fundo, que muitos desses alunos esperam “as soluções” vindas por parte do professor, configurando uma passividade diante da aprendizagem e construção de conhecimento, por parte do aluno.

[40] É um processo amplo que envolve educador e educando, porque ao mesmo tempo em que o educador transmite seu conhecimento sobre a língua portuguesa, está no processo de aprender. O educador ensina, mas ao mesmo tempo aprende do educando, por exemplo, uma gíria. (São Tomé, 18 anos – 1º ano)

Atitudes como essas nos revelam a harmonia existente entre a abordagem de ensino gramatical do idioma acoplada a uma pedagogia de ensino centrada no professor, isto é, provida por princípios tradicionais de ensino verticalmente distribuídos, cujo centro do processo seria o professor e, conseqüentemente, os alunos se tornariam receptores da aprendizagem. O curioso é que as práticas de ensino de LP atuais (e nesse contexto de investigação) parecem incorporar, ainda, resquícios dessa dimensão de ensino, automaticamente aliada aos traços da gramática normativa. Assim, na concepção do 1º ano, ensinar é passar, transferir e transmitir o conteúdo.

[41] Ensinar língua portuguesa é **passar** para os alunos a gramática, a contextualização, interpretação, leitura e produção de texto e literatura. (Alice – 1º ano, grifo nosso)

[42] Ensinar é **transmitir o que sabe para** os alunos, já aprender a língua portuguesa é **pegar o conteúdo que o professor está explicando**. (Mandy, 17 anos – 1º ano, grifo nosso)

No que se refere ao 4º ano, de forma mais branda, a concepção tradicional parece dar uma voz maior à perspectiva mais contemporânea de ensino, ou, pelo menos, a uma abordagem que se espera por parte do professor atualizado. Esses participantes acreditam, por exemplo, que ensinar e aprender consistem em trocas com a finalidade de se construir em parceria – professor e alunos – o conhecimento. E, justamente por isso, essa construção não deve partir apenas de um agente. Também, em se tratando de LP, devido suas múltiplas variedades, ao professor, fica o fabuloso trabalho de mostrar para o aluno tamanha abrangência e relevância do idioma.

[43] Ensinar língua portuguesa é construir juntos o conhecimento. E também mostrar aos educandos a diversidade que existe dentro da língua, mostrar aos alunos a relevância e importância da língua em um contexto formal e informal. Já, aprender língua é ter noção das faces da língua, tanto no contexto comunicativo quanto gramatical, e compreender um pouco da complexidade linguística. (Maria Eduarda, 20 anos – 4º ano)

[44] É uma troca simultânea de conhecimentos, pois todos aqueles que ensinam também aprendem; ações que têm efeito imediato: ensinar, aprender. (Mel, 4º ano)

## 6 Considerações finais

Como vimos, os alunos do 1º ano adentram a universidade com uma imagem distorcida sobre o que seja o idioma e sobre seu ensino/aprendizagem. A maioria acredita que não sabe a língua, porque não domina sua gramática escrita. Em suas opiniões, destacam atitudes passivas diante da aprendizagem e ineficiência do ensino anterior.

Em contrapartida, os alunos do 4º ano apresentam uma reflexão maior sobre o que sejam tais conceitos, muito embora alguns, ainda, saiam da faculdade com algumas visões distorcidas sobre como ensinar esse idioma. De qualquer forma, é possível perceber que suas crenças a respeito da língua e do processo de ensino aprendizagem desse idioma aproximam-se das concepções funcionalistas, pragmáticas discutidas na universidade, o que se configura como um ponto positivo.

Diante disso, um dos desafios sugeridos por Bagno (2002, 2007) é conscientizar a mediação e apagar, de uma vez por todas, o centro de ensino na figura do professor. Também, não queremos propor um ensino que não visite os aspectos gramaticais da língua. É possível e necessário, sim, considerar a sua organização gramatical, principalmente moldada pelo caráter diacrônico e sincrônico, refletida sobre usos, contextos e adequação e sempre observando o que o aluno produz naturalmente e o fazendo o refletir sobre sua habilidade linguística.

## 7 Referências

BAGNO, M. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: \_\_\_\_\_; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Org.) *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006. p. 15-42.

BRASIL. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais. Parte II. Linguagens, códigos e suas tecnologias (Ensino Médio). Brasília: MEC/SEE, 2000.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

DEL RÉ, A. A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática. In: \_\_\_\_\_. *A aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006. p.13-44.

DUFVA, H. Beliefs in dialogue: a bakhtinian view. In: KALAJA, P. ; BARCELOS, A. M. F. (eds.). *Beliefs about SLA: new research approaches*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003. p. 131-151.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *A aula como acontecimento*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *O papel da lingüística no ensino de línguas*. 2001. Disponível em: <<http://www.marcosbagno.com.br/conteudo/forum/marcuschi.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

NUNAN, D. *Research methods in language learning*. Cambridge: Cambridge Press, 1992.

SAPIR, E. *Language: an introduction to the study of speech*. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1949.

SILVA, K. A. Crenças no ensino-aprendizagem e na formação de professores de línguas: delimitando e atravessando fronteiras na Linguística Aplicada brasileira. In: SILVA, K. A. (Org) *Crenças, discursos & língua(gem) – Volume I*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.